



## Diretoria

# Megaestudo de células-tronco dignifica a cardiologia brasileira

O fato do Ministério da Saúde ter escolhido a Cardiologia como campo para o maior estudo de terapia celular já realizado, envolvendo mais de 50 centros e hospitais, é a maior prova do nível e do prestígio que conseguiu a cardiologia brasileira. A opinião é do coordenador nacional da pesquisa, Antonio Carlos Campos de Carvalho, do Instituto Nacional de Cardiologia Laranjeiras e corroborada pelo presidente da SBC, Antônio Felipe Simão.

Para Felipe Simão, nenhum país do mundo já desenvolveu estudo tão amplo como o agora iniciado no Brasil, pois a pesquisa é randomizada e duplo cega com 1.200 pacientes, envolvendo quatro tipos de cardiopatias, o suficiente para uma avaliação científica rigorosa da validade do emprego das células-tronco em Cardiologia.

Carvalho explica que 50 hospitais vão participar do “Estudo Multicêntrico Randomizado de Terapia Celular em Cardiopatias”, nome oficial do projeto, que envolve pacientes de infarto agudo do miocárdio, da doença isquêmica crônica do coração, da cardiomiopatia dilatada e da cardiopatia chagásica. De cada grupo de 300 pacientes, metade receberá o tratamento convencional e a outra metade, além do tratamento convencional, as injeções de células-tronco. Os protocolos da pesquisa já foram aprovados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

O trabalho é fascinante, garante o médico que coordena os vários “centros-âncora”, quais sejam: o InCor, em São Paulo, o Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ com o Hospital Pró-Cardíaco, no Rio de Janeiro, o Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz da Fundação Oswaldo Cruz com o Hospital Santa Isabel, na Bahia, e o próprio Instituto Nacional de Cardiologia Laranjeiras. Mas ele ressalta que essa ambiciosa pesquisa, na qual o Ministério da Saúde dispenderá R\$ 13 milhões, só se tornou possível graças à dedicação e ao empenho de centenas de cardiologistas, cujo trabalho deixou claro para o governo brasileiro a capacitação e seriedade da Cardiologia do País. E essa capacitação, por

sua vez, diz o especialista, é decorrência do trabalho da SBC, dos seus congressos, onde milhares de médicos discutem abertamente as novas terapias, suas experiências e pesquisas, numa fértil troca de experiências e informações que começa nos pré-congressos, passa pelos simpósios, pelas mesas-redondas, pelas conferências e pelas apresentações.

### O instituto do milênio

Foi em 2001 que o projeto “Institutos do Milênio”, uma rede de institutos virtuais, patrocinado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, deu início à pesquisa de bioengenharia tecidual, cuja proposta era desenvolver pesquisas a nível pré-clínico no tratamento de doenças degenerativas do sistema cardiovascular, do sistema nervoso, dos ossos e da cartilagem, entre outras, lembra Antonio Carlos Campos Carvalho.

O Laranjeiras, no Rio de Janeiro, juntamente com um grupo grande de universidades e a Fiocruz, investiu no campo da Cardiologia, e o Laboratório de Cardiologia Celular e Molecular do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro começou a desenvolver modelos de terapia celular em ratos, enquanto o Centro de Pesquisa Gonçalo Muniz, da Fiocruz da Bahia, trabalhava com modelos de terapia para a doença de Chagas em camundongos, sob comando de Ricardo Ribeiro dos Santos.

Os dois modelos mostraram resultados favoráveis para a insuficiência cardíaca pós-isquêmica e para o tratamento de chagásicos, e Antonio Carlos insiste que dezenas de cardiologistas se envolveram a partir de então. Discussões amplas foram travadas e as experiências brasileiras foram comparadas com as dos demais países, pois, a essa altura, começavam a surgir os primeiros relatos na literatura mundial sobre células-tronco em Cardiologia e o importante, diz ele, é que a Cardiologia brasileira já investia também no novo campo nos mais diversos centros.

A diversidade dos centros envolvidos pode ser sentida nos exemplos citados, pois enquanto na Bahia Gilson Feitosa e Fábio Villas-

Boas pesquisavam no hospital Santa Isabel, que hoje tem 30 casos tratados de Chagas, vários com mais de seis meses de acompanhamento, no Rio de Janeiro o Pró-Cardíaco acumula hoje experiência de 25 casos de insuficiência cardíaca pós-isquêmica, alguns com quatro anos. Curioso é que o primeiro paciente pós-isquêmico com insuficiência cardíaca a ser tratado no mundo, o Sr. Nelson Águia, paciente de Hans Fernando Dohmann, está tão bem que participou da cerimônia do lançamento do megaestudo.

Outro centro de excelência, o InCor, realiza pesquisas coordenadas por Edimar Bocchi, tratando simultaneamente de cardiopatias de origem variada, mas a partir de células da medula liberadas para o sangue periférico por uma fator mobilizador, o G-CSF, enquanto a equipe de Sérgio de Almeida Oliveira, também do InCor, conduz desde 2002 um projeto de injeção direta de células-tronco durante a cirurgia de revascularização, técnica que é usada também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao passo que Paulo Broffmann e sua equipe, no Paraná, desenvolvem a pesquisa pré-clínica de aproveitamento das células da medula conjuntamente com células satélites dos músculos esqueléticos. Mais recentemente, o Pró-Cardíaco iniciou, em colaboração com o INCL, um estudo do uso das células-tronco injetadas por cateterismo no infarto agudo e com a liberação das células nas coronárias, como já era feito em casos de Chagas.

A qualidade das pesquisas brasileiras sobre emprego de células-tronco em Cardiologia é tão grande, diz o médico, que quando assumiu o novo diretor do Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, Reinaldo Guimarães, esse deu todo o apoio para o megaprojeto que começa agora com as melhores perspectivas; o envolvimento de dezenas de instituições do Brasil inteiro, do Rio Grande do Sul ao Ceará, insiste Antonio Carlos, num estudo que certamente “não tem um pai da criança”, finaliza, “pois é fruto de um esforço coletivo de todos os cardiologistas brasileiros”.